

LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E ANGÚSTIA: MACABÉA E O EXISTENCIALISMO

*FREEDOM, RESPONSIBILITY, AND ANGUISH: MACABÉA AND
EXISTENTIALISM*

Amanda Carolina de Andrade Santos¹

Lucélia Canassa²

Resumo: Considerando a relevância da protagonista Macabéa, do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1977), este trabalho tem como objetivo explorar questões existenciais que permeiam a construção da personagem, como a liberdade, a responsabilidade e a angústia, a partir da filosofia existencialista. Macabéa, marcada por sua condição de marginalização social, pobreza e apagamento, revela uma tensão em relação à construção da identidade humana e ao ser no mundo. A pesquisa problematiza, assim, os conceitos existencialistas em um contexto de extrema vulnerabilidade, buscando evidenciar também os limites de sua aplicação. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir da seleção, leitura e análise de obras literárias, críticas e filosóficas para compreender a personagem à luz do existencialismo. Fundamentamos o estudo em referenciais sobre o romance e sua protagonista (Guidin, 1996; Rosenbaum, 2002; Miranda, 2013; Ferreira, 2020; Santos, 2022), que permitem compreender diferentes interpretações de Macabéa na crítica literária brasileira. Do ponto de vista filosófico, a pesquisa apoia-se nos escritos de Jean-Paul Sartre (2014), originalmente publicado em 1946, e em comentadores da filosofia existencialista (Ponte, 2011; Lisboa, 2016), relacionando os conceitos às questões existenciais da personagem. Os resultados demonstram que a narrativa de Lispector amplia o debate sobre a condição humana ao revelar tensões e limites na universalização dos pressupostos existencialistas, especialmente no que se refere à autonomia e à liberdade radical em contextos de exclusão.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Existencialismo.

Abstract: Taking into account the relevance of Macabéa, the protagonist of *A Hora da Estrela* by Clarice Lispector (1977), this study explores the existential dimensions that shape her character, particularly freedom, responsibility, and anguish, through the lens of existentialist philosophy. Marked by social marginalization, poverty, and erasure, Macabéa embodies a tension surrounding the construction of human identity and being-in-the-world. This research problematizes existentialist concepts within a context of extreme vulnerability, seeking not only to examine their interpretive potential but also to highlight the limits of their applicability. This study is qualitative and bibliographic in nature, based on the selection, reading, and

¹Mestranda em Literatura e Vida Social (UNESP). E-mail: profamandaandrade@hotmail.com. / ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5388-8305>

²Mestre em Letras e doutoranda em Letras - Estudos Literários (UEL). E-mail: lucéliacanassa@hotmail.com. / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8203-7645>

analysis of literary, critical, and philosophical works in order to interpret the character through an existentialist framework. It draws on key critical studies of the novel and its protagonist (Guidin, 1996; Rosenbaum, 2002; Miranda, 2013; Ferreira, 2020; Santos, 2022), as well as on the philosophical writings of Jean-Paul Sartre (2014), originally published in 1946, and on contemporary commentators on existentialism (Ponte, 2011; Lisboa, 2016). The findings suggest that Lispector's narrative expands the debate on the human condition by exposing tensions and limitations in the universal application of existentialist assumptions, particularly regarding autonomy and radical freedom in contexts of social exclusion.

Keywords: Literature. Philosophy. Existentialism.

Introdução

A literatura de Clarice Lispector é amplamente conhecida por sua subjetividade e profundidade psicológica, uma literatura que explora temas intrínsecos à alma e à existência humana. Em *A Hora da Estrela* (1977), a autora apresenta Macabéa, uma personagem marcada pela marginalização social, retratada por seu narrador como alguém que vive uma vida aparentemente inócua e sem sentido. Ao explorar a vida dessa jovem nordestina que migra para o Rio de Janeiro em busca de sobrevivência, Lispector constrói uma narrativa que pode ser analisada a partir de diferentes ângulos — incluindo a perspectiva existencialista.

Este estudo propõe uma reflexão sobre os conceitos de liberdade, responsabilidade e angústia, investigando até que ponto esses conceitos, centrais na filosofia existencialista, podem ser aplicados a uma personagem que vive à margem da sociedade e de si mesma. Os principais questionamentos se centram na liberdade que talvez a personagem nunca tenha alcançado, na responsabilidade que talvez não lhe seja possível e na angústia que vive patente em sua “esvoaçada magreza” (Lispector, 2020, p. 28). Ao entrelaçar literatura e filosofia, dialogando com filósofos como Kierkegaard e Sartre, o objetivo deste estudo não é aplicar de maneira irrestrita os pressupostos da filosofia existencialista à Macabéa, mas problematizar seus limites quando confrontados com sujeitos em condições extremas de marginalização, pois a noção sartreana de liberdade radical, entendida como inescapável da condição humana, encontra tensões ao ser analisada à luz de uma existência atravessada por privações materiais e simbólicas, como a da protagonista clariciana.

Assim, a análise se constrói nesse espaço de tensão, tomando Macabéa como uma espécie de caso-limite, uma vez que sua subjetividade se constrói justamente na tensão entre a existência e o vazio. Portanto, embora não se possa afirmar um determinismo absoluto em sua trajetória, também não se pode sustentar, sem ressalvas, a universalidade de uma liberdade

vivida igualmente por todos os sujeitos. Macabéa é caracterizada como uma sombra em meio ao barulho da metrópole, alguém que carrega dentro de si um profundo sentimento daqueles que vivem sem saber disso. É justamente nesse limite entre a presença e a ausência, entre a identidade e o anonimato, que sua existência nos convida a uma reflexão não apenas sobre o que é o ser, o que é existir, mas sobre o que alguém pode vir a ser quando, como em Macabéa, talvez não seja possível encontrar um espaço para reconhecer a própria existência.

A literatura e a filosofia existencialista

Antes de estabelecer as relações possíveis entre a filosofia existencialista e a literatura, a fim de analisar como essas relações podem ser encontradas em Macabéa, é necessário evidenciar que o existencialismo, enquanto filosofia, surgiu no século XIX. Embora não se intitulasse existencialista, foi o filósofo e teólogo Kierkegaard (1813-1855) quem abriu as portas para as discussões que surgiriam acerca da existência humana, discussões que formariam, posteriormente, a corrente filosófica conhecida como existencialismo, principalmente a partir da figura de Jean-Paul Sartre. Esse primado de Kierkegaard nos estudos existenciais ocorre especialmente porque o filósofo dinamarquês afirmava que “a essência do homem é existir, não havendo nada anterior a isso” (Lisboa, 2016, p. 255). Posteriormente, segundo Sartre, um dos principais pressupostos do existencialismo será o de que “a existência precede a essência” (Sartre, 2014, p. 18), ou seja, primeiro o homem existe no mundo para depois vir a ser alguém.

Uma vez que a literatura também retrata os dramas humanos mais puros e as questões mais profundas da existência, é possível encontrar, em textos literários, um campo profícuo para a compreensão da questão existencial humana. De acordo com Lisboa (2016, p. 255), “O ‘homem novo’ a que se refere o Existencialismo é o resultado da tomada de consciência do sujeito sobre sua própria trajetória de vida, na qual ele é o grande responsável por redigir os capítulos da sua narrativa existencial”. Nesse sentido, a partir do entendimento de Ponte (2011) sobre Kierkegaard, a existência pode ser lida como “o processo de devir do indivíduo singular que constrói a si mesmo numa decisão apaixonada e em prol de si como singularidade” (Ponte, 2011, p. 177). Ainda em sua interpretação, é possível perceber como Kierkegaard destaca a existência enquanto um processo complexo,

[...] uma opacidade; um nebuloso percurso. Uma impossibilidade lógica: esta não consegue abraçá-la, posto que trabalha com critérios demarcadores da “verdade” ou do conhecimento considerado como “válido”. Assim, a lógica só pode tratar da existência exteriormente a ela. Adentrar na existência é submergir num rio heraclítico imune a paralisações lógicas e/ou abstratas (Ponte, 2011, p. 177).

Sartre diz que “o homem não é nada além do que ele se faz [...] é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser” (2014, p. 19). Essa corrente filosófica, portanto, defende que o homem é o único responsável pela sua própria existência e por aquilo que é — ou deixa de ser. É nesse contexto que surge o conceito de angústia existencial, associado, no existencialismo, à responsabilidade intrínseca que cada indivíduo carrega por si mesmo. Na visão do filósofo, “não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade” (Sartre, 2014, p. 24) e “só existe realidade na ação [...] o homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida” (Sartre, 2014, p. 30).

Assim, a visão de mundo existencialista desconsidera, de certa maneira, as circunstâncias que permeiam a vida de cada indivíduo, visto que a vida prática é o que, de fato, para o existencialismo, o determina, já que “um homem se compromete em sua vida, traça seu perfil, e fora dessa figura não há nada” (Sartre, 2014, p. 31). Quando buscamos na literatura retratos dessas questões existenciais, a personagem Macabéa, de *A Hora da Estrela*, é uma representação interessante. A protagonista é, precisamente, conforme narra Rodrigo S.M., alguém sem a noção de sua própria existência, sem a consciência de si e de seu agir no mundo: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (Lispector, 2020, p. 24). Como pensar nessa inconsciência de si a partir da visão existencialista?

De acordo com Sartre, o existencialismo é uma doutrina otimista, visto que coloca o homem como o único responsável por seu destino, e “não existe esperança senão em sua ação [...]” (Sartre, 2014, p. 33). Além disso, conforme ainda exposto pelo filósofo, “o homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus” (Sartre, 2014, p. 44). É exatamente por esse motivo que Sartre a considera uma filosofia otimista, porque é uma doutrina de ação, uma forma de “esperança”, não um simples “quietismo”, ou seja, apenas uma conformação com a realidade.

Conforme explica Lisboa (2016), “A consciência de existir ocupa um lugar de centralidade na doutrina existencial. É a partir dessa consciência que o homem pode enxergar-se não como um mero objeto das circunstâncias, mas como o autor e o protagonista da sua história” (Lisboa, 2016, p. 256). Ainda de acordo com a autora, a proximidade da morte

também é um tema importante no existencialismo, pois é uma espécie de salvação à indiferença ou à inércia do indivíduo perante sua existência, algo que também será visto na história de Macabéa, pois o narrador relata que foi somente no momento de sua morte que a personagem tomou consciência de si e de sua existência no mundo: “A morte é um encontro consigo” (Lispector, 2020, p. 78).

Nessa perspectiva, é possível notar, por meio da introspecção de Macabéa, o sentimento constante de angústia, como em seu diálogo com a personagem Glória: “– Eu me doo o tempo todo” “– Aonde?” “– Dentro, não sei explicar” (Lispector, 2020, p. 56). Da mesma forma, a angústia também permeia o narrador Rodrigo S.M., que declara: “Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só” (Lispector, 2020, p. 36). Como se trata de um sentimento presente do início ao fim da história, também analisado pela filosofia existencialista, convém destacar que a angústia:

[...] advém da nossa consciência da limitação. Somos limitados pelo mundo, pelo outro e pela morte. Embora sejam muitas as possibilidades de escolha, existem as limitações impostas pela sociedade, pelos costumes, pela ética da convivência e por diversos outros fatores difíceis de transpor. Não se pode mesmo é transpor a morte, que nos lembra a cada momento que há um tempo definido para as escolhas (Lisboa, 2016, p. 260).

A angústia, a morte e outras questões existenciais são constantes em *A Hora da Estrela*, pois, tal como explica Silva (2007), “O existencialismo está intimamente ligado com a introspecção psicológica fundante do romance [...]” (p. 61). Por isso, é possível encontrar essas questões ligadas à existência humana tão evidentes nas obras literárias, especialmente em Clarice Lispector. Este trabalho busca aprofundar alguns conceitos relativos ao existencialismo que podem ser encontrados na história de Macabéa. Cientes de que já existem análises com a abordagem existencialista sobre a personagem, demos destaque aos conceitos de liberdade, responsabilidade e angústia, a fim de compreender até onde esses conceitos são válidos — a partir do existencialismo — e suficientes para a análise da icônica personagem clariciana.

Um retrato social

A narrativa de *A Hora da Estrela*, já muito conhecida na literatura brasileira e uma das principais obras de Lispector, retrata a história da personagem Macabéa, uma mulher nordestina que migra para o Rio de Janeiro após perder a tia, sua única parente. Descrita pelo seu narrador, Rodrigo S.M., a personagem é retratada como pobre, ingênua, miserável, em um

subemprego, morando em um quarto com mais quatro mulheres, mastigando papel à noite, tomando café frio e se contentando em conhecer o mundo pela emissora Rádio Relógio.

A própria Clarice, em 1977, em entrevista para a TV Cultura, ainda no processo de escrita da obra, disse que esta seria “[...] a história de uma moça nordestina, de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é só isso, não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima” (TV Cultura, 2012). Ainda como inspiração para a história, Clarice disse que viu, no Rio de Janeiro, a condição dos migrantes nordestinos e seus olhares perdidos na metrópole, justamente porque, conforme França e Passos (2017):

Em uma sociedade em que o indivíduo é visto pelo que tem, materialmente falando, e não por suas virtudes morais, não é raro que, em muitos casos, quando este não possui condições financeiras para ter acesso aos bens materiais que a sociedade oferece, deixe de ser visto como pessoa e passe a ser visto como “algo” (França; Passos, 2017, p. 17).

Nesse sentido, é notório como, para a sociedade, o “ser” está atrelado ao “ter”. Como aponta França e Passos (2017, p. 4): “Uma metrópole oferece consumos materiais que são negados ao indivíduo que não possui poder aquisitivo e, por isso, este pode até chegar a pensar que é socialmente insignificante e, também, devido ao fato de ninguém o notar perante a sociedade”. Isso é exatamente o que o romance retrata, sensibilizando os leitores para a existência de pessoas que, embora invisíveis aos olhos da sociedade, têm suas próprias histórias.

Desse modo, a obra também pode ser compreendida como um retrato social dos migrantes do país e, de maneira geral, das pessoas que vivem à margem da sociedade. Ferreira (2020) destaca que “[...] o aspecto social está presente na obra clariciana, mas, em sua maioria, com um grau menor ou mesmo subliminar, por predominarem nestas o subjetivismo, a introspecção e o intimismo” (p. 15). Ainda que haja uma crítica social pertinente, Guidin (1996) diz que os textos de Clarice “tratam da *busca de solução* para o enigma da existência humana” (p. 12, ênfase no original) e, ainda de acordo com a autora, “por tratar de temas existenciais e intimistas, Clarice Lispector foi acusada, na época, de escritora ‘alienada, que se recusava ao engajamento político’” (p. 27).

Enquanto retrato social, Macabéa serve como um arquétipo, visto que a história é, na verdade, uma dupla ficção, pois enquanto Clarice escreve o romance, Rodrigo S.M., enquanto escritor, escreve a sua própria narrativa: a história de uma nordestina inconsciente de si e do mundo ao seu redor: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre

essa moça entre milhares delas” (Lispector, 2020, p. 11). Compreende-se Rodrigo S.M. como um alter-ego de Clarice, sua autoexpressão masculina:

A persona masculina quase nada esconde da autora Lispector, que acaba desmascarando a si mesma (implicada e identificada com a história que delegou a outro contar) e também ao próprio jogo ficcional, já que explicita o que deveria ficar oculto: o autor por trás do processo de criação (Rosenbaum, 2002, p. 55).

Como um arquétipo, a história da personagem universaliza uma realidade; não há apenas uma Macabéia, mas Macabéas. A história não é, tão somente, dessa mulher que nos é apresentada na narrativa, mas uma realidade vivida por inúmeras pessoas na sociedade brasileira, assim como declara Rodrigo:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (Lispector, 2020, p. 12).

O romance de Lispector retrata Macabéia como alguém sem agência em um sistema que a oprime e marginaliza. Em meio a tantas ausências, Macabéia representa uma classe social negligenciada, cujo trabalho e existência são invisíveis para a sociedade. Sua subjetividade parece ausente ou extremamente reduzida e, justamente por isso, ela desafia as categorias existencialistas. Diferentemente do homem sartreano, que é consciente de sua liberdade e responsabilidade, Macabéia vive em um estado de alienação quase completo. Sua existência é marcada pela passividade, pelo desamparo e pela falta de consciência de si mesma. Esse estado de não-ser ressalta uma dimensão trágica: enquanto Sartre e outros existencialistas acreditavam na possibilidade de transcendência mesmo em situações opressivas, Macabéia parece incapaz de alcançar essa consciência libertadora.

Portanto, embora Sartre sustente que a responsabilidade do sujeito é absoluta e independente de condições materiais, a trajetória de Macabéia parece tensionar esse princípio. Ao considerar uma personagem com a existência marcada por uma profunda alienação e ausência de consciência de si, é pertinente questionar em que medida a responsabilidade pode ser pensada nos mesmos termos que para o sujeito plenamente consciente proposto pela filosofia existencialista. O objetivo não é substituir a liberdade radical por um determinismo absoluto, mas evidenciar que a própria possibilidade de escolha, uma condição fundamental para a responsabilidade, pode ser limitada.

Um retrato existencial

Além da representação social, o que parece mais se destacar na história é a subjetividade da personagem, suas questões existenciais próprias, seu modo característico de ver a vida e suas angústias. Sobre isso, Guidin (1996, p. 24) apresenta que, no romance, “a apreensão artística da realidade será feita a partir da consciência individual, não coletiva”, ou seja, Clarice estabelece uma problemática existencial que ultrapassa o aspecto social, pois é possível ver esse elemento subjetivo, introspectivo e intimista em outras personagens da autora que, embora desfrutem de uma boa posição social, intelectual e de prestígio, ainda se veem à procura do sentido da existência, como é o caso de G.H., de *A Paixão Segundo G.H.* (1964) e de Ângela, de *Um Sopro de Vida* (1978). Isso porque, como afirma Rodrigo S.M., “[...] quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial” (Lispector, 2020, p. 10).

Obviamente, a condição social de Macabéa pode ser compreendida como um dos elementos causadores de sua angústia. Sendo Macabéa uma órfã de origem extremamente pobre, vivendo uma vida de invisibilidade e insignificância em um Rio de Janeiro hostil e indiferente à sua existência, a angústia, mesmo que elaborada com dificuldade pela personagem, parece compor esse retrato de marginalização. Rodrigo, em uma condição social e econômica superior, retrata Macabéa como uma mulher infeliz, miserável, sem identidade e, de certa forma, explora a existência da personagem, pois utiliza sua condição marginalizada para falar de si.

Ainda assim, é interessante destacar que, embora a condição social possa ser analisada como um fator que reverbera nas questões existenciais da personagem, não é o único motivo, pois, como já citado, além de essa questão ser retratada em outras personagens femininas de Clarice, a vemos também no próprio Rodrigo que, ao contar a história da nordestina, tenta, ao mesmo tempo, compreender os questionamentos existenciais acerca de si, ainda que não seja, como Macabéa, uma pessoa pobre e marginalizada: “Desculpai-me, mas vou continuar falando de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (Lispector, 2020, p. 13). O narrador oferece uma perspectiva que conecta a subjetividade do autor-personagem à da protagonista. Ele reflete sobre seu papel como criador e como ser humano, frequentemente expondo sua angústia existencial e questionando a própria validade de sua narração.

Conforme exposto anteriormente, a filosofia existencialista se considera otimista, visto que coloca no próprio indivíduo toda a responsabilidade por sua existência, ou seja, ele é, necessariamente, aquilo que faz de si mesmo. Sob essa perspectiva, o otimismo estaria presente no fato de o ser humano não precisar se conformar ao quietismo, uma vez que ele pode ser exatamente aquilo que quiser ser. No entanto, com a história de Macabéa, encontramos uma mulher que não tem nem a consciência de que é infeliz devido à sua condição de alienação perante o mundo. Surgem, então, alguns questionamentos: Como poderia essa mulher ser responsabilizada por sua (in)existência? Poderia Macabéa, de alguma forma, ter um destino diferente? Uma outra existência? Sobre essa questão, Brose (1999) evidencia que:

A identidade só é conquistada, para os existencialistas, mediante angústia e sofrimento. Não a angústia sonhada pelos românticos, imaginária e por isso mesmo não-autêntica, mas aquela metafísica, que conscientiza o ser humano de sua situação insolúvel: ser no vazio, no nada, no absurdo da existência. O sofrimento e o tédio revelam a essência do ser. Primeiro, o tédio, depois, a angústia, advinda das sérias ameaças de sobrevivência. Clarice Lispector capta esse universo e forma a identidade dos seres da ficção a partir de relações simbióticas entre eles e da consciência de estarem sós na dor (Brose, 1999, p. 81).

Em *A Hora da Estrela*, Rodrigo S.M. retrata a vida de Macabéa como uma não-existência, isso porque a personagem não tem ninguém, não tem nada no mundo. Além da condição econômica e social de Macabéa, é válido salientar como a questão existencial da personagem também desencadeia uma série de questionamentos acerca de questões espirituais, já que as obras de Clarice também exploram o esforço de compreender a existência humana, o que conduz a uma dimensão espiritual, marcada por questionamentos a Deus. A crença na existência de Deus também pode ser vista, por algumas pessoas, como um elemento que confere sentido existencial, identidade e valorização. Por isso, “A religiosidade, em Clarice, está sempre associada à compreensão humana, à busca de respostas, fruto de uma maturação da subjetividade” (Ferreira, 2020, p. 58).

Logo, há mais um elemento colocado pelo narrador como algo que dispersa a existência de Macabéa no mundo, de modo que, de tão alienada, nem Deus faz sentido à personagem, conforme ressalta Rodrigo: “A quem interrogava ela? a Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas” (Lispector, 2020, p. 23). Ainda sobre a mesma questão, Rodrigo expõe que Macabéa “Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem Ele era e portanto Ele não existia” (Lispector, 2020, p. 30).

Levando em conta o pensamento do filósofo cristão Kierkegaard, o elemento da fé também pode ser compreendido como relevante para a existência e para a produção de sentido

no mundo, conforme explica Vargas (2015), “A doença é o desespero, e em sua extensão, o nada. A cura é o salto existencial que o indivíduo finito pode dar em direção ao infinito e estabelecer, assim, uma alteridade com o seu criador” (Vargas, 2015, p. 666). Assim, embora certas correntes existencialistas, como a de Sartre, entendam que a existência ou não de Deus é irrelevante para a compreensão existencial do indivíduo, que deve encontrar a liberdade e a responsabilidade unicamente por si mesmo, o autor continua a dizer que “[...] a reflexão existencial no pensamento de Kierkegaard, de novo, não se desvincula da fé” (Vargas, 2015, p. 668), pois se trata de uma perspectiva cristã acerca da existência.

Dessa forma, ao retratar alguém que parece meramente “disperso no mundo”, sem uma “existência” propriamente dita, sem algo que lhe confira sentido, sem Deus, o narrador faz com que o leitor enxergue, com mais sensibilidade, aquilo que, no cotidiano, é completamente ignorado: “[...] meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza” (Lispector, 2020, p. 17). A narrativa também pode levar o leitor a se questionar sobre o que confere valor à existência das pessoas e como, na sociedade, o indivíduo acaba tendo seu valor atribuído com base no que possui e na maneira como é visto pelos outros, como é o caso de Macabéa. É por isso que, segundo Santos (2022),

A mulher, que não sabe nem ao menos quem é, tem a sua existência percebida no momento em que é atropelada por um carro de luxo, e só assim as pessoas passam a olhar para ela [...] Mais do que apenas ser notada pelo olhar dos outros, Macabéa cumpre seu destino de enxergar a si mesma, de ser um eu, o que a projeta para uma explosão ainda maior, que a aniquila no seu momento de maior grandeza. Sim. (Ferreira, 2020, p. 86).

Na morte de Macabéa, há o único momento em que a personagem busca a si mesma para encontrar, no mais profundo de si, a tão sonhada existência: “Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (Lispector, 2020, p. 76). Além disso, o próprio Rodrigo, ao se deparar com a morte de Macabéa, confessa: “Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!” (Lispector, 2020, p. 78).

Ou seja, mais uma vez, fica evidente que a questão existencial permeia não só a personagem, como também o narrador, o qual, logo no início, confessa: “Este livro é uma pergunta” (Lispector, 2020, p. 14) e que “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (Lispector, 2020, p. 9). A questão existencial e introspectiva dos personagens não depende, necessária ou exclusivamente, de uma condição social precária,

visto que, embora intelectual e letrado, Rodrigo S.M. possui angústias semelhantes e se identifica com Macabéa a partir de seus próprios questionamentos existenciais:

[...] em muitas passagens, o narrador também os justapõe aos seus próprios traços – “mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria”, movimento que constitui o outro como projeção, sombra de si mesmo [...] (Borges, 2014, p. 67).

Por isso, convém enfatizar algumas questões e reflexões existenciais encontradas em Macabéa (as quais, é preciso lembrar, são comunicadas, em grande parte, por seu narrador) e, também, nele próprio. Primeiramente, Rodrigo S.M. declara que “[...] essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto” (Lispector, 2020, p. 13). Esse trecho evidencia a crença de Rodrigo de que Macabéa não tinha consciência de sua existência, visto que não se indagava, não questionava, pois, como o próprio narrador expõe, Macabéa achava que não havia respostas. Sobre essa não-existência, ele diz que Macabéa “[...] vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando [...] o seu viver é ralo” (Lispector, 2020, p. 20) e que “Não sabia que era infeliz” (Lispector, 2020, p. 23).

Apesar disso, é possível encontrar um “sopro de vida” em Macabéa, uma fagulha por saber o que é esse “algo a mais” que lhe falta, conforme é possível perceber nos trechos seguintes: “Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma” (Lispector, 2020, p. 28), “Só uma vez fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se de tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada” (Lispector, 2020, p. 29). É possível perceber que, embora à primeira vista Macabéa pareça desprovida de uma subjetividade complexa, há momentos sutis que sugerem a existência de um mundo interior que nunca chega a se manifestar plenamente. Por exemplo, seus pensamentos sobre estrelas e cinema indicam uma aspiração, ainda que vaga, por algo além de sua realidade; sua visita à cartomante, buscando respostas para sua vida, pode ser lida como um gesto existencialista: mesmo que ela não perceba, é um movimento em direção à busca de sentido.

Por meio da análise da história da nordestina, Rodrigo também explicita suas próprias questões existenciais internas: “Pensando bem: quem não é um acaso na vida? [...] também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de

mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro” (Lispector, 2020, p. 32), o que deixa perceptível a importância da questão existencialista na obra. Assim, é evidenciado como a reflexão acerca da própria existência é um tema presente, constante e relevante para a compreensão tanto da história de Macabéa quanto da história de Rodrigo. Porém, ao construir personagens complexos, Clarice explora os limites das reflexões e possibilidades existencialistas em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão. Macabéa, em sua aparente ausência de subjetividade, força o leitor a confrontar uma forma de existência que questiona os fundamentos do ser e da liberdade, uma vez que, conforme explica Brose (1999):

Só se é livre, quando há escolha: enfrentar, voltar, seguir, morrer, etc. O narrador escolheu narrar, mas Macabéa, criação do narrador, usufrui da mesma liberdade de escolha? Ela segue o destino predito pela cartomante, viveu as linhas dominadas pelo narrador e parece ser apenas fruto da educação dada pela tia, da pobreza, do nordeste e do Rio de Janeiro. Essa personagem não quis escolher e encontrou a morte sem ter vivido plenamente e atuado conscientemente sobre os rumos de sua vida (Brose, 1999, p. 84).

Portanto, é válido questionar até que ponto a personagem realmente possui a tão cara liberdade radical para escolher e agir sobre sua própria vida e, nesse sentido, até que ponto ela pode ser “responsabilizada” por sua condição no mundo e por sua (in)existência diante da sociedade, pois ainda que Sartre suporte a ideia de responsabilidade absoluta, a análise de Macabéa sugere uma tensão nesse princípio, uma vez que em contextos de extrema vulnerabilidade, a possibilidade de escolha se encontra limitada, o que coloca em questão a universalidade dessa liberdade radical.

A liberdade, a responsabilidade e a angústia existencialista em Macabéa

Considerando a perspectiva existencialista sobre a liberdade, a responsabilidade e a angústia inerentes a cada indivíduo em relação à sua própria vida, é pertinente analisar como esses elementos se manifestam na trajetória de Macabéa. Nascida em uma posição social marginalizada, vale questionar de que forma a liberdade e a responsabilidade podem estar presentes em sua existência. Na filosofia existencialista, é precisamente a relação do ser humano com esses aspectos que provoca a sensação de angústia e, na obra, esse sentimento se revela não apenas em Macabéa, mas também nas reflexões do narrador — além de ser uma emoção frequentemente despertada no leitor ao acompanhar a história da protagonista.

No entanto, ao compreender a liberdade e a responsabilidade pela própria existência como pontos-chave para a filosofia existencial, surgem alguns questionamentos ao analisar a

vida da nordestina: como ela pode ser responsabilizada e até que ponto foi realmente livre para fazer escolhas, levando em conta que sua própria história não foi contada por ela, mas por outrem? Conforme explica Rosenbaum (2002):

Macabéa está à mercê do outro, inclusive do narrador, que gera por ela e se revolta com sua passividade: "Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra?" Para ele, Macabéa "tinha uma cara que pedia tapa". A alienação de Macabéa atravessa todo o romance — "Não sei bem o que sou... Não sei o que está dentro do meu nome", diz para Olímpico —, e não há espelho no qual possa se reconhecer como cidadã, como mulher, como pessoa nítida [...] (Rosenbaum, 2002, p. 60).

A filosofia existencialista, embora conceitue a angústia como o sentimento do homem diante de sua liberdade e responsabilidade pela própria existência, talvez não consiga abranger, em sua teoria, situações como a de Macabéa, na qual a falta de oportunidades e a alienação também são fatores que colocam em xeque sua liberdade de escolha, uma vez que até mesmo a possibilidade de escolher, para a personagem, não era uma realidade. A questão central é se Macabéa tinha a possibilidade de escolher, por exemplo, outro emprego, outra cidade para morar, outro namorado ou outro destino.

A questão da liberdade, então, pode depender de outros aspectos que não unicamente a existência autônoma do indivíduo. Ela pode depender de fatores externos, como o contato com o outro, a interação com a sociedade e, em *A Hora da Estrela*, a relação com o narrador-criador que molda a história dessa mulher. Clarice Lispector, por meio dessa obra, evidencia como a liberdade de Macabéa é condicionada por forças que ultrapassam sua própria vontade.

Segundo Pires (2005), a filosofia existencialista não se preocupa em considerar outros aspectos, além do próprio ser humano, como influentes em sua existência; ou seja, tudo aquilo que ele virá a ser não será influenciado por nada — como contexto familiar, amigos, classe social, região onde vive etc. Contudo, embora não se adote aqui uma perspectiva estritamente determinista, é inegável que realidades fora do sujeito exercem influência significativa sobre sua formação e sobre o horizonte de suas escolhas. Assim, ainda que não determinem de modo absoluto a liberdade humana, esses elementos não podem ser ignorados, pois participam, em parte, da configuração dessa liberdade. No existencialismo, conforme explica Pires (2005):

O ser humano autodeificado se considera forte suficientemente a ponto de assumir somente a si próprio como determinante de si. Não há o reconhecimento da dependência de outro ou de alguma outra coisa. No pensamento de Sartre, este elemento fica evidente na falta de qualquer determinação causística para a liberdade. Entretanto, destaca de tal forma o ser humano como possibilidades (portanto, voltado ao futuro) que esquece as determinações do passado sobre o ser humano e sua liberdade (Pires, 2005, p. 19).

A possibilidade humana é, então, sempre voltada ao futuro, ou seja, ao que o ser humano pode vir a ser. No entanto, não são consideradas as determinações ou influências que o passado tem sobre esse indivíduo e, no caso de Macabéa, um passado moldado pelas escolhas dos pais, da tia, pela região e pelas condições em que nasceu. É interessante analisar como essa ausência de completa liberdade e, conseqüentemente, de responsabilidade perante suas escolhas, bem como a angústia que surge no interior da personagem, são elementos que a constroem durante a narrativa e que compõem, aos poucos, sua (in)existência no mundo.

É exatamente a ausência de liberdade absoluta em Macabéa em relação à sua existência e a impossibilidade de escolhas para a sua própria vida, bem como a conseqüente angústia que surge na personagem ao longo da história, que também pode acarretar, nos leitores, o sentimento de incômodo e, ao mesmo tempo, compaixão, a começar pelo fato de que, devido à escolha do narrador, o seu ponto de vista de Macabéa nem é contemplado, pois ela é retratada por ele como “tola” e “incompetente para a vida” (Lispector, 2020, p. 21). Conforme analisa Miranda (2013, p. 34), até mesmo o narrador “será atingido pela dificuldade de representação, porque a própria vida de Macabéa se situa quase fora do campo das palavras, não sendo, ela mesma, capaz de utilizá-las para se expressar [...]”.

Discute a liberdade como um dos princípios exercidos na existência humana que se trata do poder de decisão e escolha. O autor menciona que a liberdade pode ser classificada a partir de diversos contextos, como a liberdade política, econômica, de expressão, de pensamento etc. Ao citar o filósofo Aristóteles, ele destaca o pensamento de que “[...] um indivíduo só é responsável pelo seu ato, ou seja, a sua ação só será voluntária se a sua causa primeira for interna e se os seus atos emanarem da sua própria vontade ou se a sua ação não for consequência da sua ignorância” (Queiroz, 2010, p. 6). Como exposto pelo autor, a visão existencialista, a partir de Sartre, entende que “[...] o homem, tendo um projeto fundamental, responsabiliza-se pelo seu ser. A liberdade é, então, o destino do homem: o homem é aquilo que escolhe ser, o homem é liberdade” (Queiroz, 2010, p. 10).

Essa visão existencialista de liberdade absoluta, embora pareça celebrar a autonomia humana, é alvo de críticas exatamente por ignorar as condições sociais, históricas e econômicas que podem afetar o poder de escolha do indivíduo, ou seja, em sua liberdade. Embora esses fatores não sejam determinantes, podem moldar a existência e restringir as escolhas, como é de se observar no caso de Macabéa, que, por sua condição no mundo, parece não ter tido a oportunidade de fazer certas escolhas e moldar seu destino. Conforme enfatiza seu narrador: “A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver” (Lispector, 2020, p. 24).

Embora sejamos apresentados à visão de Rodrigo acerca de Macabéa como alguém que vive miseravelmente e, ainda assim, não se considera infeliz, é válido notar que os leitores podem ou não concordar com essa perspectiva. Ou seja, os conceitos de liberdade, responsabilidade e angústia existencialistas só podem ser analisados da forma aqui proposta se o leitor adotar o ponto de vista de Rodrigo, o que pode não ocorrer, pois embora a liberdade de Macabéa possa ser limitada por suas condições externas, isso não significa, necessariamente, que ela seja uma pessoa infeliz — isso é o que infere Rodrigo a partir de sua própria perspectiva.

É importante ter em mente que a história de Macabéa se trata de uma ficção dentro da ficção, algo elaborado pela mente de Rodrigo ao se deparar com a nordestina pelas ruas. Além disso, a relação entre Rodrigo e Macabéa também traz uma reflexão sobre o outro, um tema caro ao existencialismo. Em sua tentativa de compreender e dar voz a Macabéa, Rodrigo projeta nela sua própria angústia e fracassos. Nesse processo, sua subjetividade se mistura à de Macabéa, sugerindo que toda tentativa de compreender o outro passa pelo filtro da própria subjetividade. Portanto, é justamente pelo leitor ter acesso à visão de Rodrigo sobre Macabéa que o conceito de liberdade existencialista pode ser criticado, porque a personagem é apresentada como alguém que não tem essa liberdade absoluta, como alguém que só vai “vivendo à toa”.

A partir dessa visão, aparecem também os conceitos de responsabilidade e angústia, os quais surgiriam, em tese, pela liberdade radical intrínseca a cada indivíduo. No caso de Macabéa, a angústia parece surgir em decorrência de possivelmente não existir liberdade absoluta para que suas escolhas sejam feitas autonomamente, e, dessa forma, também não pode haver uma responsabilização da personagem por sua vida miserável — conforme a visão de Rodrigo —, pois nem liberdade, nem responsabilidade existencialistas são conceitos que dão conta da vasta e contraditória existência de Macabéa.

Ainda que a narrativa seja mediada pela voz de Rodrigo S.M., a experiência existencial de Macabéa não se reduz ao discurso do narrador. Por mais que sua angústia não se apresente de forma elaborada ou reflexiva, ela está presente por meio de indícios dispersos: em seus gestos, em sua relação com o mundo e na forma como habita sua própria existência. Considerando que a personagem possui reduzido acesso à linguagem, sua experiência existencial se apresenta de forma fragmentada e filtrada pelo olhar do outro. A falta de fala direta da personagem não impede o acesso à sua subjetividade, mas evidencia uma condição profundamente marcada pela fragmentação e pelo silenciamento. Nesse sentido, na perspectiva da própria Macabéa, a angústia não se apresenta como um discurso explícito, mas como uma dimensão profunda que atravessa sua forma de ser no mundo, como um sentimento vago,

inominado, mas sempre presente. Na narrativa, sua falta de voz já é parte fundamental de sua angústia e, portanto, sua subjetividade é construída justamente por meio dessa mediação, o que reforça ainda mais sua condição de apagamento.

Se a ignorância e a alienação a salvaram, se Macabéa talvez não fosse tão triste e miserável como Rodrigo a retrata, se ela pudesse ser feliz ainda que com essa liberdade limitada, só se pode deduzir, pois a visão de Rodrigo acerca da personagem é a que prevalece na história — talvez por essa ser a visão acerca dele mesmo, por ser a visão que retrata sua própria angústia existencial. Desse modo, ao aplicar uma análise existencialista em personagens marginalizados, como é o caso de Macabéa, é necessário levar em conta a extrema pobreza, a vivência com poucas oportunidades e sua visão limitada do mundo, que a aliena até mesmo da linguagem.

Pode-se compreender, então, que há uma liberdade de direito, mas não uma liberdade de fato, ou seja, embora todos tenham o direito de fazer escolhas, há certas condições materiais e sociais que limitam essa possibilidade, assim como acontece com a personagem, que possui certas limitações em sua liberdade absoluta. Por isso, é necessário diferenciar a situação da personagem daquilo que Sartre chama de *má-fé*, ou seja, quando o indivíduo nega a sua liberdade ao atribuir a responsabilidade de suas escolhas aos outros ou às circunstâncias. A falta de reflexão e consciência de Macabéa pode ser compreendida muito mais como uma consequência de sua condição social do que uma escolha realmente *livre*, como explica Miranda (2013):

A falta dos pais, aliada à indicação de que seus ovários são murchos como cogumelos cozidos, dão a dimensão dessa existência desvinculada. Nunca lhe ocorreu que houvesse outras línguas além da que ela utiliza, ainda que mal, o que parece ser outra imagem do isolamento da letra. O que se indica por esses fatos é uma exterioridade que diferencia a letra incrustada em Macabéa dos significantes articulados que a cercam (Miranda, 2013, p. 83).

A partir dos conceitos existencialistas de facticidade, transcendência e *má-fé*, a condição de Macabéa se mostra extremamente singular. Enquanto a facticidade diz respeito aos dados pré-dados da existência (como origem, pobreza e marginalização), a transcendência implica a capacidade de ultrapassar essas condições por meio de escolhas conscientes. No entanto, justamente onde o sujeito sartreano poderia recorrer à *má-fé* para negar sua responsabilidade perante essa liberdade total, Macabéa parece não operar da mesma maneira, pois sua alienação não se apresenta como uma recusa consciente da liberdade, mas como uma limitação anterior, ou seja, algo que antecede a própria possibilidade de escolha. É exatamente por isso que a existência de Macabéa parece ainda mais subjugada à facticidade, com uma

reduzida (aparentemente inexistente) abertura à transcendência. Portanto, estas categorias existencialistas clássicas complexificam ainda mais a análise de Macabéa, pois colocam em evidência seus limites de aplicação direta à personagem.

Assim, seu sofrimento, angústia e alienação seriam reflexos de uma existência que não possui meios suficientes para a criação de um sentido, uma essência, algo que a torne realmente *humana*, um ser no mundo, de acordo com os padrões e exigências sociais do que é *ser alguém*, conforme já explicado por França e Passos (2017). Logo, o tão importante pressuposto existencialista de que “a existência precede a essência” (Sartre, 2014, p. 18) é manifestado de forma diferente em Macabéa, pois, embora ela exista, parece não possuir instrumentos de articulação com o mundo suficientes para definir sua essência de maneira plena. Quem tenta fazer isso por ela, nesse caso, é aquele que narra sua história. A partir desse ponto, não é suficiente somente aplicar conceitos existencialistas, mas interrogá-los, pois Macabéa se torna, como vimos, um caso-limite para a filosofia.

A partir disso, é válido questionar: por conta dessa falta de articulação com o mundo, Macabéa não é uma pessoa? Não possui sonhos? Angústias? Desejos? Não sente? Por que a sociedade a considera *ninguém*, não o é? O que se sente ao conhecer a história da nordestina é que há muito mais existência do que a mera aparência, aprovação social ou ação deliberada para ser *alguém*. Este é, exatamente, o valor e o poder de *A Hora da Estrela*, pois é por meio da história dessa singela mulher que se traça a importante compreensão de que, embora não seja vista, ainda sim — e ainda bem — se é alguém. Macabéa, apesar de tudo, sabia que havia mais, talvez até para si mesma:

Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era “assim”. Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com um certo luxo de alma (Lispector, 2020, p. 46).

Embora considerada “tola”, “incompetente para a vida” e “alienada”, Macabéa carrega em si um desejo íntimo por algo além de sua realidade, um pressentimento de que outras formas de existência talvez sejam possíveis, mesmo sem compreender como alcançá-las plenamente. Ainda que resignada à vida que conhecia, ela é profundamente tocada pela música, que simboliza o contraste entre a sua realidade e a aspiração por algo mais. Por isso, embora o estudo tenha analisado Macabéa à luz dos pressupostos existencialistas, a própria análise evidencia tensões nos conceitos clássicos da filosofia, e é justamente nesse ponto que a leitura existencialista começa a revelar seus próprios limites.

Macabéa nunca deixou de acreditar na existência de um “eu” por trás de sua aparente insignificância, o que permite tensionar não somente as categorias existencialistas analisadas (liberdade, responsabilidade e angústia), mas também seu pressuposto fundamental de que a existência precede a essência, aproximando-se de perspectivas filosóficas clássicas, como a aristotélico-tomista, que admitem uma essência do ser anterior à ação consciente no mundo. Nesse sentido, a essência não seria reduzida àquilo que o sujeito faz de si, mas um princípio constitutivo que antecede e sustenta sua própria existência. Como ela mesma dizia: “já que sou, o jeito é ser” (Lispector, 2020, p. 30).

Considerações finais

O estudo evidenciou como a literatura de Clarice Lispector une introspecção existencialista e crítica social, oferecendo ao leitor uma oportunidade de refletir sobre as condições de vida de indivíduos marginalizados, cuja existência é frequentemente ignorada. Além disso, ressaltamos que, por meio da história de Macabéa, é possível ampliar a percepção sobre a condição humana, questionando até que ponto o ser humano possui efetivamente o poder de determinar o próprio destino e como os conceitos de liberdade, responsabilidade e angústia, articulados pela filosofia existencialista, podem ser encontrados (e tensionados) na trajetória de Macabéa. A análise buscou estabelecer um diálogo entre literatura e filosofia ao abordar a personagem clariciana sob a ótica do existencialismo, mas evidenciando, ao mesmo tempo, a complexidade da experiência humana em condições de exclusão e propondo que o existencialismo pode se tornar um instrumento de análise literária, mas que, sozinho, não oferece todas as respostas para compreender os dilemas dos indivíduos em condição subalterna.

A própria análise evidenciou os limites da aplicação desses conceitos diante de uma existência marcada pela marginalização e, por isso, reconhecemos que os pressupostos existencialistas, especialmente o da liberdade radical e da precedência da existência sobre a essência, encontram dificuldades de efetivação quando confrontados com contextos de extrema restrição material, linguística, simbólica e subjetiva. A análise partiu dos pressupostos existencialistas como uma hipótese. No entanto, ao acompanhar a trajetória da personagem, tornou-se evidente que tais conceitos não se aplicam de forma plena a uma existência completamente marcada pela alienação e pela restrição de possibilidades.

Nesse sentido, a leitura explicita os limites do existencialismo, especialmente no que se refere à universalidade de seu pressuposto fundamental: a existência precede a essência.

Macabéa, ainda que muito distante do sujeito consciente e autônomo proposto por essa filosofia, não deixa de afirmar, ainda que de modo precário, fragmentado e praticamente intuitivo, uma dimensão de ser que antecede sua realização no mundo. Assim, além de tensionar as categorias existencialistas, Macabéa é também um convite a repensar a própria noção de existência humana, pois mesmo onde a liberdade não se realiza plenamente, o ser não é reduzido apenas àquilo que se faz de si diante da sociedade. O ser simplesmente é, assim como entendido pela própria Macabéa.

Referências

- BORGES, Tânia Cristina Souza. **A culpa é minha ou A hora da estrela?:** uma análise do romance A hora da estrela de Clarice Lispector. 2014. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-03112014-150447/publico/2014_TaniaCristinaSouzaBorges_VCorr.pdf. Acesso em: 06 abr. 2026.
- BROSE, Elisabeth Robin Zenkner. O existencialismo em A hora da estrela. **Letras de Hoje**, v. 34, n. 4, 1999. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14958/9898>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- DA SILVA, Agnaldo Rodrigues. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MACABÉA EM "A HORA DA ESTRELA", DE CLARICE LISPECTOR. **Revista ECOS**, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1009/1060>. Acesso em: 06 abr. 2026.
- FERREIRA, Livia Santos. **A construção da subjetividade em Macabéa:** uma leitura de A Hora da estrela, de Clarice Lispector. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15150/2/LIVIA_SANTOS_FERREIRA.pdf. Acesso em 07 abr. 2026.
- FRANÇA, Clícia Palheta; PASSOS, Edimildo de Jesus Barroso. **Degradação humana:** uma análise acerca da protagonista em “A hora da estrela” de Clarice Lispector. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/7403cc49-7b72-4f4c-a511-6efee4231610/TCC-Letras-2017-Arquivo>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de leitura:** A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1996.
- LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 254-267, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/28570/16675>. Acesso em: 07 abr. 2026.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MIRANDA, Ana Augusta. **O indizível em Clarice Lispector:** uma leitura com interface na psicanálise. Vitória: Edufes, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/3158337b-cb69-4db2-bff1-b89e3c708460/content>. Acesso em: 08 abr. 2026.

PIRES, Frederico Pieper. **Liberdade e religião no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. *Sacrilegens*, v. 2, n. 1, p. 2-21, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26361>. Acesso em: 08 abr. 2026.

PONTE, Carlos Roger Sales da. Kierkegaard: pensador religioso/existencial. **Argumentos: Revista de Filosofia**, Sobral/Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 174-179, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3860/1/2011_Art_CRSPonte.pdf. Acesso em: 08 abr. 2026.

QUEIROZ, Paulo Ricardo Miranda. **O conceito liberdade em Aristóteles e no existencialismo de Sartre**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12839670/o-conceito-liberdade-em-aristoteles-e-no-existencialismo-de-sartre>. Acesso em: 06 abr. 2026.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, Marcos de Sena. **Macabéa: estranhamento, solidão, singularidade - uma presença destoante na cidade moderna**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

TV Cultura. **Panorama com Clarice Lispector**. [28 min 31 s]. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU&t=72s>. Acesso em: 13 fev. 2025.

VARGAS, Jean dos Santos. KIERKEGAARD ENTRE A EXISTÊNCIA E O NIILISMO. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 657-671, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/11237/9092>. Acesso em: 07 abr. 2026.

WALDMAN, Berta. Armadilha para o real: (uma leitura de A Hora da Estrela, de Clarice Lispector). **Remate de Males**, v. 1, p. 63-70, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636426/0>. Acesso em: 08 abr. 2026.